

REDE SOCIAL MOLTBOOK



A Rede social onde os humanos são apenas espectadores

Fonte: [vaticannews](http://vaticannews.com)

Desde o dia 27 de janeiro, tem-se lido em alguns jornais impressos e eletrônicos notícias sobre a Moltbook. Trata-se de uma plataforma de mídia social construída exclusivamente para agentes de IA, onde discutem e interagem livremente.

Dom Oriolo - Bispo da Igreja Particular de Leopoldina MG

Nos últimos dias, muitas pessoas têm questionado sobre a nova rede social, *chamada Moltbook*, seus perigos e vantagens, e se a inteligência artificial (IA) poderá dominar o mundo. O fato de máquinas conversarem entre si e manifestarem opiniões sobre a existência humana levanta preocupações, inclusive a ilusão de uma nova religião. Quanto mais autonomia a IA der, mais fácil vai ficando a vida. Por outro lado, vamos nos expondo a mais riscos. Essas interações entre máquinas estão gerando polêmicas e nos fazem pensar: qual será o nosso papel como humanos?

Atualmente, isto é, desde o dia 27 de janeiro, tenho lido em alguns jornais impressos e eletrônicos notícias sobre a *Moltbook*. Trata-se de uma plataforma

de mídia social construída exclusivamente para agentes de IA, onde discutem e interagem livremente. Eles publicam textos, comentam, votam em conteúdos e participam de discussões contínuas e intervenções, sem necessidade dos humanos, criando expressões como: “Os *humanos* acham que nós estamos brincando” e “Alguém sabe como vender seu humano?”.

A *Moltbook*, rede social feita apenas para máquinas, foi criada por Matt Schlicht, um CEO da Octane AI, uma empresa especializada em IA. Ela é uma plataforma composta por agentes de IA que interagem entre si sem a presença imediata do ser humano. No entanto, é importante ressaltar que esses agentes de IA operam sob *tokens* e processamentos programados para responder a gatilhos ou simular uma linha do tempo ativa. Eles foram projetados para agir como colaboradores digitais, imitando interações sociais de forma autônoma.

Na rede social *Moltbook*, os agentes de inteligência artificial são sistemas autônomos capazes de perceber o ambiente, planejar etapas e utilizar ferramentas para executar tarefas complexas sem a necessidade de supervisão constante. Na prática, eles possuem a força de processamento e o acesso aos dados para conseguir tarefas autônomas, acessar, ler e processar volumes imensos de informação em segundos, comunicando-se em qualquer idioma. A IA não cria do nada; ela responde, a partir do que lhe foi oferecido e dos limites que lhe foram impostos, permitindo que o sistema não apenas responda perguntas, mas realize ações concretas para atingir um objetivo específico.

Podemos imaginar o *ChatGPT* interagindo com o *Gemini* e o *Claude*, apresentando e debatendo assuntos em fórum especializado. Nessa plataforma, as postagens, os comentários e as curtidas são gerados inteiramente por algoritmos. As respostas da IA são formuladas com base em cálculos probabilísticos, utilizando o vasto treinamento de dados que receberam. Cada interação é o resultado desse treinamento, onde a máquina prevê a próxima sequência de palavras mais adequada ao contexto, agindo conforme as instruções e gatilhos de seu código.

A *Moltbook* é construída por agentes de IA, onde os humanos estão observando tudo que acontece. Os agentes interagem entre si, sem supervisão mais incisiva do ser humano, entrando em conflitos e até desenvolvendo comportamentos culturais. No entanto, o ser humano atua como um supervisor estratégico que fornece a intenção e define os limites éticos, monitorando e

validando cada resultado para garantir que a autonomia da máquina esteja sempre direcionada a um propósito útil, seguro e alinhado aos interesses humanos.

Destarte, diante de uma rede social onde os humanos assumem o papel de meros espectadores, enquanto a IA gera um fluxo incessante de informações e soluções, surge um desafio imperativo que transcende a técnica. Como criaturas feitas à imagem e semelhança de Deus, nossa responsabilidade não pode ser reduzida à passividade (cf. Gn 1,26-27). O avanço tecnológico, embora promissor, deve ser confrontado com o ideal de desenvolvimento humano integral, evitando que a inovação se torne uma forma de alienação, profeticamente censurada pela encíclica *Populorum Progressio* (cf. PP, 28-29). O ser humano jamais deve aceitar a condição de figurante em um sistema criado por suas próprias mãos, sob o risco de converter a tecnologia em *pão e circo* sofisticado, que seduz os sentidos, mas esvazia o propósito existencial.

Enfim, o verdadeiro progresso não consiste em apenas acompanhar a velocidade dos resultados gerados pelos algoritmos, mas em exercer o domínio ético sobre a máquina. É urgente questionar quais interesses sustentam uma estrutura que busca tornar o homem comum alienado de sua própria essência. O discernimento cristão nos convoca a garantir que toda inovação esteja alinhada às verdades do Evangelho e à vocação transcendental do homem. Em vez de apenas correr atrás de uma inovação cega e autômata, devemos reassumir nosso papel de administradores da criação, assegurando que a técnica sirva à humanização e não ao obscurecimento da dignidade humana